

## EVOCÇÃO DE CASTRO SOROMENHO

Manuel dos Santos Lima\*

**RESUMO:** A obra de Castro Soromenho é apresentada como um trabalho de denúncia do sistema colonial. O autor coloca em evidência o fato de que o escritor Castro Soromenho foi um pioneiro dessa literatura de denúncia, a par da visão trágica de um processo.

**UNITERMOS:** Castro Soromenho, Fernando. Romance angolano. Alienação.

Há uma rua em S. Paulo e outra em Cascais, a lembrar-nos Castro Soromenho. Dir-se-ia ontem e já lá vão vinte anos que o perdemos. Foi-se o amigo, permanece o escritor no seu posto de grande solitário. E isto poque ao fim e ao cabo Soromenho continua ainda a ser um autor de dois mundos, em busca de classificação definitiva, numa época em que a descolonização portuguesa deu tão má consciência quanto a própria colonização para a qual Soromenho chamou a atenção, erguendo-se contra ela.

Filho de mãe mestiça caboverdiana, nascido em Moçambique e com obra marcadamente orientada para a África, não é "bem" português. Mas não nascido em Angola e demasiado branco, também não é "verdadeiramente" angolano. Por outro lado, tendo em certo período do seu percurso sustentado pontos de vista de funcionário administrativo, quanto à índole dos negros, a unanimidade à volta do seu nome, resta ainda por fazer. Ora, hoje parece absolutamente inútil atirar-lhe essa pedra. Primeiro porque as expressões infelizes de Soromenho se inscreviam na odem tradicional dos juízos de valor etnocentristas que se faziam sobre os africanos e que não eram chocantes em Angola, pois saíam também da boca de certos mestiços e negros assimilados... Falta ainda um estudo social, econômico e político corajoso e desassombrado, sobre o mito oficial

\* Leitor da Universidade de Rennes.

do não racismo português, que repousa essencialmente na confusão ou ignorância entre a promiscuidade racial praticada com as mulheres indígenas em situações de premência fisiológica e exotismo, e a discriminação racial como elemento institucionalizado da filosofia colonial, dado as vantagens da sua utilização mítica. Falta igualmente estudo semelhante no interior dos grupos sócio-epidérmicos da pequena burguesia angolana.

Inútil ainda, em segundo lugar, porque o próprio Soromenho reconheceu, de cabeça erguida, os seus erros de interpretação da realidade negro-africana, ao fazer o balanço da sua actividade literária, numa entrevista largamente citada entre os estudiosos da sua obra: "Foi aqui em Portugal que nasceu o escritor, depois de reviver a minha vida em Angola, fazendo tábua rasa de idéias feitas e dando-me conta de erros de interpretação originados pelo clima social vivido desde a infância numa sociedade em formação, heterogênea pela sua própria natureza, sem outras raízes que não fossem os seus interesses circunstanciais, é sempre marginal. Colocado, no tempo e no espaço, numa posição que possibilitou novas perspectivas, o homem e a sua vida, a terra e o meio social, revelaram-se na sua forte autenticidade. E nunca mais deixei de estar em Angola, embora habitando, em Lisboa ou no Rio de Janeiro, em Paris ou em Buenos Aires"... Esta entrevista, datada de Maio de 1960, vem apenas confirmar o novo engajamento africano de Soromenho, que se assume inequivocamente como escritor angolano e não "escritor moçambicano" ou "escritor português de temática ultramarina". Jamais ele desmentirá essa atitude, mesmo quando no exílio, supostos interesses superiores da luta de libertação de Angola lhe negarão um lugar, o seu lugar, nela. Esse engajamento parece-nos claramente formulado a partir de 1949, com "Terra Morta", obra pela qual se destaca da sua geração conformista. Ela produzira autores africanistas, entre os portugueses, e lusotropicalistas, entre os angolanos. Franco atirador, ele será o único caso de desafio a uma realidade histórica secular bem defendida pelo fascismo. Esse ataque à cidadela colonial, assinala a idade adulta da efabulação soromenhiana e angolana moderna, pois que as obras do primeiro ciclo são de cunho etnográfico e têm sobretudo o mérito de apresentarem o homem angolano no seu enquadramento histórico e cultural, ao homem português. Recorde-se que elas valeram a Soromenho, em certos círculos literários metropolitanos, uma auréola de carola que escrevia histórias de pretos, como Pearl Buck em relação aos chineses. E João Gaspar Simões, cuja pena crítica cerca de meio século de literatura portuguesa, foi, entre outros, um dos que sempre considerou Castro Soromenho um autor secundário e exótico, porque voltado para a coisa colonial, não reconhecendo a importância não só dessa temática como do conjunto da sua obra e da emergência de uma literatura original, em português, mas enraizadas em outras áreas geográficas. Outros literatos, prudentes, mostraram-se bastante discretos nos

seus comentários, até à morte de Soromenho. De resto não deixa de ser surpreendente que cinco séculos de colonização não tivessem reduzido as distâncias geográficas e mentais entre Portugal e a África. O povo português, excluído dos benefícios da empresa colonial em favor do pequeno grupo de famílias económicas do país, viveu sempre a leste do Império, ao qual estava ligado apenas por laços histórico-sentimentais, algo nebulosos e românticos. Das Áfricas só vinham uns tantos ricalhaços e alguns futebolistas. Depois o luto e no esteio deste a avalanche dos retornados e exilados. E mesmo entre a intelectualidade lusitana, salvo as honrosas excepções da praxe, só depois do 25 de Abril é que se parte em busca do tempo perdido e alguns literatos, democratas e negrófilos de todo o cariz, mudos ou invisíveis durante treze anos de guerra colonial, se põem a descobrir, subitamente - e com que empenho e frenesim exclusivistas! - a África de expressão portuguesa. Pois essa África e o continente em geral foram motivo de reflexão e preocupação para Castro Soromenho, entre "Nhari" (1938), início da sua carreira de escritor e "A Chaga" (1970), em edição póstuma.

Do desenho romanesco de Castro Soromenho ficou-nos um gráfico do homem negro como ser infeliz, objecto da tirania do sobrenatural (elemento cultural e factor de identidade) e a dos homens estrangeiros (elemento histórico e factor de alienação). Ficou-nos igualmente uma visão trágica dessa África que há um século atrás perdeu o seu destino em mãos alheias e que, acrescentamos, um século depois anda com o seu futuro hipotecado por outras mãos.

ABSTRACT: The work of Castro Soromenho is presented like a critical work against the colonial system. The author shows the evidence in de fact that the writer Castro Soromenho was a pionner of this critical literature, with of a tragical vision of a process.